

DÉBORAH DE FÁTIMA MARTINS

**JOGO JUSTO: UM *PODCAST* SOBRE A VIVÊNCIA FEMININA
NA PRÁTICA ESPORTIVA E NO JORNALISMO ESPORTIVO**

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV
2021

DÉBORAH DE FÁTIMA MARTINS

**JOGO JUSTO: UM *PODCAST* SOBRE A VIVÊNCIA FEMININA
NA PRÁTICA ESPORTIVA E NO JORNALISMO ESPORTIVO**

Projeto experimental apresentado ao curso de
Comunicação Social – Jornalismo da
Universidade Federal de Viçosa como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social

Orientação: Joaquim Sucena Lannes

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV
2021



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia intitulada *Jogo Justo: Um podcast sobre a vivência feminina na prática esportiva e no jornalismo esportivo*, de autoria da estudante Déborah de Fátima Martins, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes – Orientador
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Kaliandra Alves Dias
Bacharel em Jornalismo - Universidade de Passo Fundo

Viçosa, 29 de Outubro de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Regina que desde que resolvi embarcar nessa aventura de me mudar de estado e cidade para ingressar na faculdade sempre me apoiou e fez o que era possível, e também impossível, para que eu estivesse sempre bem durante esses anos. Minha mãe sempre foi a minha força e o meu refúgio nos piores momentos, era sempre quem mais comemorava comigo as conquistas e sempre acredita mais em mim do que eu mesma. Toda essa conquista é principalmente por você mãe. Tenho certeza que ainda iremos voar muito mais alto.

Preciso também agradecer a minha irmã Danielly, que mudou a minha vida lá em 2008 na primeira vez que tive oportunidade de segura-la em meus braços. Você e a mãe serão para sempre a minha base.

A minha querida e amada avó, Geralda. Como queria que a senhora estivesse aqui hoje para acompanhar essa nossa vitória, mas tudo na vida tem um propósito. Espero que, de onde for, eu ainda consiga te encher de orgulho. Obrigada por ter sido tanto por mim, vou amar a senhora para sempre dona Gê.

A Lara Amaral, minha companheira de vida. Só nós duas sabemos como foram os últimos dias desse caminho que parecia tão longo e interminável, obrigada por ser a minha fortaleza todos os dias e me fazer sempre ver o melhor de mim.

Um agradecimento super especial as melhores amigas que Viçosa e a Comunicação poderiam me oferecer, as minhas Leticias: Cozoli e Passos. Vocês foram fundamentais nessa jornada, obrigada por terem aguentado minhas pontas várias vezes e confiarem tanto em mim.

Aos meus tios, em especial a tia Fatinha, tia Rosane, tio Neimar e tia Nilma, que sempre me acolheram de braços abertos e foram apoio. Aos meus primos, que sempre estiveram ao meu lado e, preciso fazer as honras ao Marcos, que foi quem me acolheu nos primeiros meses de Viçosa e sempre me dava toda força do mundo para continuar.

Ao departamento de Comunicação Social, por tantos anos e ensinamentos. Aos professores que me mostraram um mundo novo e apaixonante do Jornalismo.

E por último, mas de forma alguma, menos importante o meu orientador, Joaquim Lannes. Obrigada por ter aceitado embarcar nesse projeto ao meu lado. Se esse trabalho tem um bom resultado é muito por todas as orientações e confiança passada durante esse processo. Obrigada por acreditar em mim e na minha ideia.

RESUMO

Esse trabalho busca discutir a histórias das mulheres nos esportes, mostrando que as desigualdades nas profissões que envolvem práticas esportivas e jornalismo esportivo são ainda mais discrepantes e que as mulheres sempre correram em desvantagens em relação ao homem. Nos esportes foram proibidas de participarem de diversas modalidades durante anos. Isso criou na sociedade um entendimento que o esporte é permitido somente aos homens, que as mulheres que se aproximam desse ambiente estão querendo se tornar um homem. Essas atitudes também afastaram as mulheres como torcedoras dos estádios e reforçaram por anos diversos estereótipos de feminilidade. No jornalismo esportivo essa realidade não foi diferente, o afastamento das mulheres nos esportes criou um certo desinteresse por parte das mulheres em relação a cobertura esportiva. Apenas a partir dos anos 70 as mulheres passam a fazer coberturas esportivas - mesmo com a resistência dos homens - e garantem o seu espaço dentro do jornalismo esportivo.

PALAVRAS-CHAVE

1. Jornalismo esportivo; 2. Esportes Femininos; 3. Histórias de Vida

ABSTRACT

This work seeks to discuss the stories of women in sports, showing that inequalities in professions that involve sports practices and sports journalism are even more discrepant and that women have always run at a disadvantage compared to men. In sports, they were prohibited from participating in various modalities for years. This created in society an understanding that sport is only allowed to men, that women who approach this environment are wanting to become a man. These attitudes also alienated women as fans of the stadiums and reinforced for years various stereotypes of femininity. No sports journalism reality this was no different, the withdrawal of women in sports created a certain disinterest on the part of women in sports coverage. Only from the 70s on, as women began to cover sports - even with the resistance of men - and ensure their space within sports journalism.

KEYWORDS

1. Sports journalism; 2. Female sports; 3. Life stories

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. As mulheres no esporte.....	10
3. As mulheres no jornalismo esportivo	15
4. Podcast.....	20
5. Relatório Técnico	24
5.1. Pré-produção	24
5.2. Produção.....	25
5.3. Pós-produção.....	26
6. Considerações finais	27
7. Referências	27
8. Anexos.....	32

Introdução

Não sei dizer ao certo quando os esportes viraram uma paixão tão forte na minha vida, mas me lembro da Copa do Mundo de 2002, realizada no Japão, de ver meus tios acordando às 3h da madrugada para assistirem aos jogos, a família se reunindo para ver os jogos da Seleção Brasileira e talvez ali eu estivesse começando a dar os primeiros passos para entender a paixão tão forte que o futebol e os esportes em geral podem causar.

Lembro-me também de ter sempre acompanhando uma disputa ferrenha entre a família que em grande parte é dividida entre cruzeirenses e atleticanos. Qual time era melhor? Quem tinha mais gols? E dali surgia uma discussão de horas para provar quem torcia para o melhor.

Mas foi me apaixonando pelos esportes, em especial o futebol, que vi que sendo mulher torcer sempre seria mais difícil. Perdi as contas das vezes que fui questionada sobre saber o que era um impedimento ou quando me desafiavam a falar sobre escalação do time para que torço.

“Você só assiste futebol para ver os jogadores”, “não tem como uma menina saber mais de futebol do que um menino”, “isso não é coisa para mocinhas”, foram com essas frases sendo repetidas diversas vezes que decidi que um dia eu iria ter o esporte como profissão e mostraria que as mulheres podem dominar qualquer assunto. Quando ingressei no curso de Jornalismo sabia que o jornalismo esportivo era a área certa para seguir, mas sabia também que teria uma longa estrada para caminhar: a do machismo e a da desconfiança, essa segunda pura e simplesmente por ser mulher.

Foi também no curso de Jornalismo que encontrei outra paixão: o radiojornalismo; por isso a escolha de produto experimental não poderia ser outra. O poder de transmitir emoções, expectativas, medos e fazer o ouvinte viajar e imaginar cenas apenas com a sua voz é uma das maravilhas que me encanta no radiojornalismo.

Os esportes são capazes de unir países, parar guerras e criar emoções que até mesmo quem está sentindo não consegue entender, é de fato uma paixão universal. Em cada competição vibramos, torcemos, nos apegamos a crenças e temos um único objetivo: ver nosso time ou a nossa seleção sendo campeã.

Segundo o *site* oficial do Santos Futebol Clube¹, em 4 de fevereiro de 1969 o futebol conseguiu parar até mesmo uma guerra. Isso aconteceu em Benin, no continente Africano, quando o time venceu por 2 a 1 a Seleção do Meio Oeste. A região passava por uma guerra civil, mas mesmo assim o conflito armado foi cessado para a segurança do time e foi decretado feriado após meio-dia para que as pessoas fossem ao estádio.

Se um esporte consegue parar até mesmo uma guerra, não há mais nada que ele não possa fazer. Mas será que essa realidade, de parar uma guerra, se mantém quando se trata de modalidades esportivas femininas ou que não recebem tanto prestígio?

Durante anos as mulheres foram cerceadas do direito de praticarem esportes, foram consideradas como

usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino, as mulheres atletas brasileiras precisaram resistir e enfrentar pessoas e políticas que impediram e retardaram as práticas esportivas ao longo do século passado. (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 51)

Essas proibições aos esportes femininos refletem até hoje nas mais diversas modalidades, as mulheres são minorias nas delegações olímpicas, os times femininos possuem menos patrocínios, menos equipes e menos tempo de transmissão nas tevês. O campeonato brasileiro feminino de 2018 teve mais de 80% dos seus jogos não transmitidos, e dos 126 jogos disputados pelas equipes 101 foram em horários entre 15h e 18h e em dias de semana, o que dificulta o acesso do público ao estádio e também ao assistir as partidas²

Para as mulheres que escolheram o jornalismo esportivo como profissão o cenário não é muito diferente. A princípio somente os homens podiam escrever, comentar e cobrir eventos esportivos; segundo Ramos (2010) para as mulheres ficavam destinadas as editorias de casa, moda e cuidados com os filhos e família.

Quando surge a *Rádio Mulher* as mulheres passam a ganhar mais espaço, mas ainda dentro das editorias predefinidas. Foi apenas em 1971 que as mulheres ganharam a cena no esporte, uma equipe formada por Zuleide Ranieri, Germana Garilli, Claudete Troiano, Jurema Yara e Leilah Silveira foi a responsável por colocar de vez as mulheres no mapa do jornalismo esportivo. Ali começava a trajetória que impulsionaria grandes nomes da imprensa esportiva

¹ Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/o-dia-em-que-a-guerra-parou/>

² Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/onde-assistir-futebol-feminino-no-brasil/>

atual como Renata Fan, Glenda Kozlowsky, Ana Thais Matos e muitas outras meninas que sonhavam em estar à frente de programas esportivos.

Para Coelho (2011, p.34) “as mulheres devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda nas de esportes.” As mulheres jornalistas estão em número menor nas redações, são a minoria em programas esportivos e ainda encontram resistências e dúvidas por maior que seja a sua capacitação.

1. As mulheres no esporte [negrito]

Segundo Singer (1977), antigamente, esperava-se que as meninas evitassem um desenvolvimento ativo nos esportes. Isso porque o esporte era visto como exclusividade masculina; os esportes eram muito violentos para a mulher, vista como dócil, frágil.

Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corporal e movimentos violentos; às mulheres, era permitido a ginástica rítmica e o voleibol, que lhes garantia a suavidade de movimentos e o não contato com outros corpos. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. Entretanto, o futebol, esporte mais violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher poderia masculinizá-la. (SOUSA; ALTMANN, 1999, p.57)

Historicamente a participação feminina nos esportes vem sendo pautada como segundo plano, o destaque fica com os homens. Exemplo disso são as Olimpíadas, que em suas primeiras edições as mulheres eram vetadas de participação, e o seu papel era apenas a entrega dos louros aos vencedores.

Esses estereótipos de que os esportes são apenas para os homens foram, e continuam sendo, um fator de afastamento das mulheres do esporte. Desde muito jovens as mulheres são ensinadas sobre o papel que deveriam exercer na sociedade: o papel da mulher prioritariamente como cuidadoras do lar e o seio familiar, colaborando com a imagem de que esse é único lugar da mulher, é a aceitação do comum, do natural. A mulher apenas deve seus cuidados aos filhos e ao marido, é o seu “destino”.

É somente nas primeiras décadas do século XX que as mulheres passam a ter seu espaço nos esportes, tal conquista acontece após a primeira participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos. As mulheres foram “autorizadas” a participarem das Olimpíadas em sua segunda edição, mas essa participação aconteceu com ressalvas e protestos dos idealizadores que acreditavam que os esportes eram práticas masculinas e que a participação feminina fosse apenas para assistir aos jogos e não para participar dos mesmos.

Pierre Coubertin, criador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, era um dos defensores desses ideais. Coubertin acreditava que a participação das mulheres em esportes competitivos poderia vulgarizar um ambiente recheado de honras e conquistas.

Tchnicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e ali não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condenal-os. Ver-se-á, então, o que

deles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física dos seus filhos. (COUBERTIN, 1938, p.46)

Os corpos definidos e atléticos, a força física, a competição e a rivalidade ferrenha, a liberdade e semi nudez dos corpos nunca foram considerados como elemento do universo feminino. As mulheres praticando esportes ultrapassariam os limites do que é “ser mulher” e poderiam, além de tudo, romper com a crença ideológica de que os homens, por serem mais fortes, são superiores nos esportes.

Para Lenskyj a habilidade esportiva

difícilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar iguais as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina. (LENSKYJ apud ADELMAN, 2003, p. 448).

Portanto, quanto mais esportes as mulheres praticassem maiores seriam as chances de acabar com a idealização de que o corpo feminino é um corpo frágil e “não preparado para o esporte”. Mas ainda assim, mesmo com as mulheres ganhando espaço nos Jogos Olímpicos e mostrando que eram tão capazes quanto qualquer homem, essas atletas ainda eram vistas com maus olhos.

Nas famílias tradicionais e de elite, principalmente, a prática de esportes era um grande tabu, um fantasma, que deveria ser evitado de todas as formas. Afinal, o espetáculo de exibição com os corpos à mostra desmoralizaram essas mulheres; “o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar, que a aproximava do universo da desonra e da prostituição.” (GOELLNER, 2005 p.145)

No Brasil, na década de 40, existiram diversos movimentos para coibir a participação das mulheres em atividades esportivas, os pensamentos de que atividades físicas não eram adequadas para as mulheres ganha ainda mais força em 14 de abril de 1941, quando o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto-lei 3.199.

Em seu artigo nº 54 estava a proibição de práticas esportivas para mulheres, que duraria quase 40 anos, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Tal decreto foi criado pelo General Newton Cavalcanti, membro

do Conselho Nacional de Desportos - o precursor do Ministério do Esporte -, e explicitava quais esportes as mulheres poderiam - ou não - praticar.

A lista de proibições era extensa: saltos com vara, saltos em profundidade, pentathlon, decatlon, lutas em geral, rugby, polo, polo aquático e, claro, o futebol. Todos esses esportes eram considerados violentos e não adaptáveis ao organismo feminino (*Diário Oficial da União*, 20/09/1941). As práticas esportivas liberadas para as mulheres eram focadas principalmente em esportes individuais como: marchas, esgrima, golfe, tênis, equitação, remo, atletismo (com algumas ressalvas e especificações para o sexo feminino) e em desportos coletivos estavam: o vôlei, baquete e o tênis em duplas.

O decreto-lei 3.199 foi revogado oficialmente em 1979, mas o esporte feminino ainda não havia ganhado apoio ou força suficiente para se manter nesse tempo; apenas em 1983, 4 anos após a revogação, aconteceu a regulamentação do futebol feminino. Com isso, foi possível criar competições oficiais, a utilização de estádios para exibição de times femininos e surgiram os primeiros times profissionais: o Radar e Saad.

Em 1988 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) surgiu com o seu primeiro time feminino, formado principalmente

por jogadoras do Radar, do Rio de Janeiro, e do Clube Atlético Juventus, de São Paulo. A primeira competição feminina organizada pela FIFA foi o Torneio Internacional de Futebol Feminino em Guangdong, na China, em 1988, preliminar ao primeiro Mundial oficial que aconteceria em 1991. O Brasil ficou em terceiro. (GLOBO ESPORTE.COM, 2019)

Mesmo com as mulheres ganhando mais força e reconhecimento na área esportiva, as mídias, clubes e federações - ambientes predominantemente ocupados por homens - continuavam a reforçar a necessidade da beleza, da feminilidade e que as mulheres poderiam ser boas em suas práticas, mas era a sua beleza que a dava destaque. A reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, intitulada “FPF institui jogadora objeto no Paulista”, de 16 de setembro de 2001, exemplifica como o futebol feminino era usado de forma a espetacularizar os corpos femininos, “No lugar dos cabelos ralos, longos rabos-de-cavalo. Dos calções masculinos, shorts minúsculos. Da cara limpa, a maquiagem.” (ARRUDA, 2001).

Essa era a imagem que a *Federação Paulista de Futebol* queria que o seu primeiro Campeonato Paulista de Futebol Feminino passasse "Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino." (FPF, 2001, online). A Federação

prometia uma competição com qualidade e beleza, porém na prática as seletivas não funcionavam dessa mesma maneira:

Mais pelos atributos físicos do que pelo futebol, Talita roubou a cena. Foi bajulada pelos repórteres, deu muitas entrevistas e virou uma espécie de paradigma da competição, que vê a beleza como requisito fundamental para a seleção de meninas. Era tudo o que os dirigentes da FPF e da Pelé Sports & Marketing, organizadores do Paulista, queriam. (ARRUDA, 2001, online)

Portanto, as mulheres passaram a ser vistas como uma “mercadoria” para atrair o público-alvo, neste caso, os homens, a qualidade no quesito futebol poderia ficar em segundo plano. O maior exemplo a época é a jogadora Sisleidde de Amor Lima, a Sissi, um dos maiores nomes do futebol brasileiro, que ficou de fora da primeira edição do Campeonato Paulista de Futebol Feminino; tudo isso porque Sissi tinha os cabelos raspados e não correspondia ao “padrão” estabelecido.

Mesmo ganhando espaços e mostrando a sua capacidade as mulheres ainda são “bombardeadas” com a necessidade de seguirem o “jeito feminino de ser”: de serem delicadas, bonitas e dóceis. E quando não seguem esse padrão são cortadas de campeonatos, tem a sua feminilidade questionada e muitas vezes até a sua sexualidade.

Mauricio Cardoso, repórter da revista *Veja*, em 2000, publicou uma matéria que enaltecia os avanços do futebol feminino, mas que também questiona as escolhas da atacante Sissi:

As brasileiras do futebol terminaram a última Copa do Mundo em terceiro lugar e vão a Sydney sonhando em ganhar uma medalha. A atacante Sissi, que terminou a Copa como artilheira, foi eleita a segunda melhor jogadora do mundo. Mas de volta ao Brasil, [...] maior dificuldade que enfrenta, no entanto, é a língua de serpente. “A primeira pergunta que me fazem é se tenho namorado. Para os jogadores essa é uma questão que aparece depois. Por quê?”, pergunta ela. Sissi prefere ver futebol a assistir novela na televisão e corta o cabelo curtinho, como homem. (CARDOSO, 2000, p.21).

Esse trecho da reportagem reforça certos estereótipos de feminilidade, onde a mulher é a que assiste a novelas e os homens futebol - limitando não só a prática esportiva a eles, mas também a audiência -, e que os cabelos curtos são uma exclusividade masculina, e que as mulheres se querem ser “respeitadas” e não ter os seus corpos e sexualidade questionados devem se portar como “mulheres femininas”, qualquer quebra dessa expectativa será vista com maus olhos pela sociedade.

As mulheres tiveram que percorrer um longo caminho até conseguirem o seu espaço dentro dos esportes, segundo dados do *Comitê Olímpico Internacional* (COI) na primeira

participação das mulheres em olimpíadas elas representavam cerca de 2,2% dos participantes, os números foram crescendo e já nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, foram 45,2%, em 2021 nas Olimpíadas de Tokyo foram quase 49% de atletas mulheres e o COI promete para as Olimpíadas de Paris, em 2024, número igual de atletas (50% de homens e 50% de mulheres) em todas as modalidades olímpicas.

Hoje as mulheres mostram ao mundo o seu potencial e competem de forma imbatível em todas as modalidades, não deixando espaços para dúvidas de que o lugar da mulher no esporte não pode jamais ser tomado.

2. As mulheres no jornalismo esportivo

A história das mulheres no jornalismo esportivo não difere da história das mulheres em busca do espaço nas práticas esportivas; essas mulheres precisaram lutar, se aventurar e mostrar que os seus conhecimentos nos esportes não estavam atrelados ao seu sexo e que elas poderiam ser - e em um futuro seriam - presença nas editorias esportivas tanto quanto qualquer homem.

Devido ao número reduzido de mulheres praticantes de esportes houve um desinteresse, principalmente das próprias mulheres, por consumirem e se atualizarem por notícias do mundo esportivo. Atualmente, mesmo com uma mudança significativa no cenário esportivo, os homens ainda consomem mais noticiários esportivos do que as mulheres.

Em 1947 as mulheres começam a conquistar os primeiros espaços nas editorias de esportes. Maria Helena Rangel foi a primeira jornalista esportiva no Brasil (Ramos, 2010, p.31). Rangel havia sido contratada pelo *Jornal Gazeta Esportiva - informativo impresso especializado, com sede em São Paulo, mas com circulação nacional* - para integrar a equipe de esportes. Mary Zilda Grassia Sereno surgiu tempos depois como a primeira fotojornalista. Sereno era especialista em coberturas esportivas, principalmente na cobertura do futebol paulista.

Nos anos 70 surge a *Rádio Mulher*, que entrou para a história por sua inovação, ousadia e pioneirismo, trazendo mulheres nos mais diversos cargos. Segundo site do Museu do Futebol, “desde a motorista até a técnica de som, a equipe da 930 AM era majoritariamente feminina. A programação, elaborada por e para mulheres, abriu espaço para o futebol em 1971. ”

A *Rádio Mulher*, como diz seu próprio nome, trazia uma programação voltada para o público feminino e foi a primeira equipe totalmente feminina a cobrir eventos esportivos. Em 1971 abriu as portas, de forma definitiva, para o futebol. Assim, na noite de 15 de junho,

ocorreu a primeira narração esportiva feita por uma mulher: Zuleide Ranieri narrou o amistoso S.E. Palmeiras 2X0 A. Portuguesa de Desportos, no Palestra Itália. Na sequência a equipe de esportes acompanhou a Copa Roca, sua primeira transmissão internacional e a estreia do Campeonato Nacional de Clubes - atual Brasileirão Série A. Outros nomes importantes na história da rádio foram Germana Garilli, repórter de campo, Claudete Troiano, repórter e narradora, Jurema Yara e Leilah Silveira, ambas comentaristas, e Léa Campos. A ex-árbitra era responsável pela análise da arbitragem nos jogos. (MUSEU DO FUTEBOL)

Portanto, Zuleide Ranieri se torna a primeira mulher a conduzir uma narração de futebol

em uma rádio brasileira, colocando seu nome em definitivo na história do jornalismo esportivo

e abrindo caminhos para que outras mulheres pudessem ocupar esses espaços. Germana Garilli também é reconhecida por seu pioneirismo, a *Federação Paulista de Futebol* (FPF) reconheceu Germana como a primeira repórter feminina a fazer cobertura de futebol no campo.

Outro grande nome do início das mulheres no jornalismo esportivo é Regiani Ritter, iniciou sua carreira em 1980 como jornalista de campo e comentarista na *Rádio Gazeta* de São Paulo, Regiani também atuava dentro dos vestiários dos clubes, entrevistando os jogadores no pós-jogo. Em programas da tevê das emissoras *Gazeta* e *Record* atuou como editora-chefe e produtora do programa *Mesa Redonda* e em 1991 foi honrada com o prêmio de melhor jornalista, em eleição realizada pelo jornal *Unidade do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo*.

Em entrevista ao UOL Esportes Ritter fala sobre as dificuldades que encontrou no universo do jornalismo esportivo sendo mulher:

Naquele tempo não existiam mulheres que cobriam futebol. Por isso não foi fácil para alguns homens assimilarem essa situação. Imagina então na hora de entrevistar os jogadores no vestiário. Como não existia sala de imprensa, os atletas atendiam os jornalistas enquanto tomavam banho e se vestiam. Eu tinha por normal falar com eles quando eles estivessem parcialmente vestidos. No entanto, certa vez o técnico Cilinho, após um jogo entre São Paulo e Coritiba, pediu que eu entrasse no vestiário junto com ele. Foi uma correria só. Apenas o Casagrande me atendeu pelado, sem colocar sequer uma toalha (RITTER, 2013, online)

Aos homens era difícil assimilar as mulheres dentro dos campos, dos vestiários e encarando essa tarefa sem medo, às mulheres era difícil penetrar nessas camadas mais profundas do universo masculino. Mesmo com essas dificuldades e resistência por parte dos homens as mulheres não paravam e iam conquistando mais espaços, em 1980 surge no jornalismo impresso a primeira mulher a cobrir a Fórmula 1: Alaíde Pires. Pires acompanhou a carreira de grandes nomes como Ayrton Senna e Nelson Piquet.

Na televisão, precisamente na *Rede Globo*, Isabela Scalabrini foi a primeira mulher a fazer parte da equipe do *Globo Esporte*, começando sua carreira em 1987, sendo responsável pela cobertura de diversos esportes, mas o futebol ainda ficava exclusivamente com os homens. Segundo o site Memória Globo, Scalabrini foi também a primeira apresentadora do programa, com uma apresentação semanal, apenas aos sábados

Também na *Rede Globo* surgiu outro grande nome do jornalismo esportivo, em 1998 o *Globo Esporte* teve pela primeira vez uma mulher comandando a apresentação de forma diária (GASTALDELLO, PENTEADO E SILVA, 2014 p.52), Glenda Kozlowski passa a comandar a edição diária do *Globo Esporte* após 20 anos de sua criação. Glenda também atuou no

programa *Esporte Espetacular*, começando em 1996 ao lado de Clayton Conservani; outro grande marco na carreira de Glenda foi nas Olimpíadas do Rio em 2016 onde foi a primeira mulher da *Rede Globo* a atuar como locutora (site Memória Globo).

Mesmo com todos esses espaços sendo conquistados pelas mulheres, uma parte do esporte ainda não tinha sido conquistado por elas, eram os programas do estilo mesa redonda, por mais que Regiani Ritter tenha sido produtora, as mulheres ainda não haviam apresentado nenhum desses programas, ficando apenas por de trás das câmeras.

Em 2007 surge Renata Fan, que se torna a primeira mulher a comandar um programa de mesa redonda: o *Jogo Aberto da Rede Bandeirantes*. Antes de estar à frente do *Jogo Aberto*, Fan era assistente de Milton Neves nos programas *Terceiro Tempo* e também no *Debate Bola* (BAGGIO, 2012 p.34-35). As mulheres no jornalismo esportivo tinham essa função de assistente e “alguns programas esportivos utilizam moças bonitas para atuarem com a função de ler comentários dos telespectadores sobre os principais acontecimentos do esporte.” (DANTAS, 2015, p.60).

Santos (2011) traz à tona uma discussão sobre a representação feminina nos programas esportivos, o seu principal questionamento é sobre como são utilizadas mulheres consideradas “bonitas” para ocuparem os espaços de comentaristas, apresentadoras e assistentes. É questionado também se o uso de mulheres belas seria uma estratégia para aumentar a audiência dos homens para esses programas. Renata Fan é um dos maiores casos do uso da beleza em programas esportivos,

Fan, que já foi ex-miss Brasil, conquistou uma audiência enorme ao lado de Milton Neves e também no *Jogo Aberto*. No início de sua carreira houve diversos questionamentos sobre o seu entendimento na área esportiva, principalmente no futebol. Em entrevista a Baggio (2012) Renata relata que:

no início as pessoas desconfiavam um pouco sim. Mulher, alta, loira, ex-miss. Mas com o tempo e com muita dedicação, perceberam minha capacidade profissional e hoje reconhecem a jornalista que sou. Meu sucesso foi conquistado com muito trabalho, Acho que a beleza, num primeiro momento, pode ajudar um pouco, mas não é isso que faz alguém perdurar tanto tempo na profissão. (BAGGIO, 2012 p. 65-66)

É mostrando a sua capacidade e entendimento esportivo que as mulheres vão ganhando mais força e mais espaços. Algumas conquistas das mulheres são mais recentes ainda, poucas são as mulheres que estão nos programas como formadoras de opinião, comentaristas ou ainda como narradoras. Segundo Righi (2012):

elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos (RIGHI, 2012, p.32)

A primeira mulher a comentar futebol masculino foi Ana Thais Matos, da *Rede Globo*, em 2019. Uma conquista super recente e que mostra como as mulheres demoraram a conquistar esses espaços de formadoras de opinião. Também no Grupo Globo, no ano de 2021 surge Renata Silveira, que se torna a primeira narradora da emissora. Nomes como de Ana Thaís e Renata mostram como as mulheres são tão capazes quanto os homens para assumir tais funções, Para Felippo (2014):

É meio óbvio, mas é preciso dizer: homens e mulheres podem ter a mesma visão sobre tática, jogadas, se foi pênalti, se o técnico escalou o jogador correto etc; não é o fato de ser homem ou mulher que vai fazer de alguém bom ou mau comentarista, e sim o seu nível de entendimento sobre o esporte (FELIPPO 2014)

Mas mesmo com as mulheres sabendo e podendo comentarem sobre toda a parte técnica do futebol e dos esportes em geral, elas ainda sofrem muitos ataques e são alvos de muita desconfiança, principalmente nas redes sociais. Ana Thais Matos em participação no programa *Encontro com Fátima* fala sobre as cobranças que recebe em relação aos seus comentários nos jogos:

É uma cobrança enorme. 100% de excelência. É engraçado, porque acompanho o termômetro pelas redes sociais. Às vezes coloco uma palavra que talvez a pessoa entenda diferente, ou me posiciono de uma forma que não seja correta, os ataques são rápidos. Eu vejo que com colegas é diferente (MATOS, 2020)

Nadine Basttos, ex-árbitra assistente da *Federação Internacional de Futebol (FIFA)*, atuou como comentarista na *Rede Globo* e atualmente está como comentarista de arbitragem no *Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)*, também em entrevista ao *Encontro com Fátima* falou sobre a desconfiança e questionamentos de seu conhecimento para atuar como comentarista:

Essa pergunta sempre acontece (se ela sabe o que é impedimento) e acho que vai acontecer por bastante tempo. Apesar de a gente estar mudando isso, aquele olhar de desconfiança ainda acontece, infelizmente. Algumas pessoas te olharem e falarem: 'será que você entende realmente do que está falando? Do que você está se propondo a trabalhar?'. É algo que tento a levar como motivação (BASTTOS, 2020)

Mesmo quando são desacreditadas, as mulheres não desistem do seu lugar no esporte e no jornalismo esportivo. Elas estão sempre indo em frente e em busca de novos espaços, se reafirmando e mostrando que a opinião feminina pode ser - e é - tão técnica quanto de qualquer outro homem. Ainda hoje o número de mulheres no jornalismo esportivo é menor, em relação

ao número de homens, mas o cenário vem se alterando e as mulheres ganhando cada vez mais força para dar a sua voz dentro dos esportes.

3. Podcast [negrito]

Segundo Schmidt (2008) *podcast* é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na internet criado pelos próprios usuários. Os usuários utilizam esses arquivos para se expressarem, fazem listas, dão a sua opinião sobre algum tema (política, séries, novelas) e depois transmitem essas opiniões nos mais diversos sites e agregadores de *podcasts*.

A história do *podcast* começa nos anos 2000, ainda com algumas tentativas frustradas de lançamento de arquivos MP3, a distribuição e o *download* não eram eficazes. Foi com o lançamento do RSS (*Really Simple Syndication*) que a distribuição dos programas deu certo e dessa forma surgiram os *podcasts* (LUIZ, 2014).

O RSS funciona de uma maneira simples: avisando aos inscritos que há um novo conteúdo publicado, levando o conteúdo ao usuário e não mais fazendo que o usuário fique horas buscando um conteúdo. Em 2004 o ex VJ³ da MTV, e também empresário, Adam Curry criou o *RSStoIpod*, que levava os arquivos de MP3 encontrados na internet para o *iTunes*, o programa da gigante Apple era a única forma de enviar arquivos para os iPods, que na época, eram os players de músicas mais populares.

Com esse avanço para os tocadores mais populares os *podcasts* foram se popularizando e se tornando uma das maiores promessas da internet. E essa nova forma de transmissão de dados ficou conhecida como *podcasting*, que é uma referência e junção das palavras iPod e *broadcasting* (transmissão pública e em massa de informações). Em 2005 a Apple decide implementar os *podcasts* direto ao *iTunes*, deixando o acesso mais fácil aos ouvintes, sem a necessidade de assinar os RSS em sites terceiros.

Em comunicado à imprensa em 28 de junho a Apple anuncia tal mudança na versão 4.9 do *iTunes*:

today announced it is taking Podcasting mainstream by building everything users need to discover, subscribe, manage and listen to Podcasts right into iTunes® 4.9 [...] iTunes users can now easily subscribe to over 3,000 free Podcasts and have each new episode automatically delivered over the Internet to their computer and iPod [...] The new Podcast Directory in iTunes 4.9 features over 3,000 free audio programs, making it one of the largest Podcast directories in the world. iTunes enables anyone to quickly and easily find and subscribe to their favorite Podcasts so that every time there's a new episode, it's automatically downloaded to their Mac® or PC and Auto-Synced

³ Ao termo Vj geralmente há a associação com apresentadores de vídeos na televisão. Porém, os Vjs de que falamos aqui possuem poucas similaridades com o significado vulgarmente conhecido; a maior delas está relacionada ao vídeo. O Vj, vídeo-jockey, é aquele que, em festas, raves, shows e eventos múltiplos, projeta imagens que são escolhidas, combinadas, modificadas e sequenciadas na hora da apresentação (TEIXEIRA, 2006)

to their iPod. iTunes also makes it easy to manage multiple Podcast subscriptions with simple organization and display by episode and date. Starting today, iPods will offer an easy to use Podcast menu, including bookmarking within a Podcast and the ability to display color Podcast artwork.⁴

Com os *podcasts* estando disponíveis de forma mais rápida para os ouvintes o sucesso dessa mídia começa a surgir. Outro fator importante para o crescimento dos *podcasts* é a sua marca atemporal, afinal os usuários têm disponível em qualquer momento as histórias que querem ouvir, diferentemente do que acontecia com programas de rádio, onde a programação é continuada e não há como voltar, nos *podcasts* os ouvintes têm total controle, podem ouvir quantas vezes quiserem, podem voltar nas histórias, pausar e ter o seu ritmo de escuta. (ASSIS, 2014).

Segundo McHugh (2013) o que torna os *podcasts* - e radiodocumentários - tão atraente é a junção de narrativas, histórias cotidianas e jornalismo sério:

In the US, documentary radio programs such as RadioLab, This American Life and Radio Diaries enjoy sold-out stage shows telling real-life stories that combine serious journalism with compelling personal narratives, philosophical discourse and an irreverent but always engaging tone.⁵ (MCHUG, 2013)

Diferentemente do jornalismo tradicional, que tem como objetivo responder as perguntas “como?” “Onde?” “Quando?” e “por que?”, o podcast se preocupa mais com a narrativa, em como contar essas histórias reais com emoção e não apenas responder as perguntas do *lead*.

A forma de narrar os acontecimentos é chamada de *storytelling*, o “*storytelling* é a habilidade de contar histórias utilizando enredo elaborado, narrativa envolvente e recursos audiovisuais” (RESULTADOS DIGITAIS, 2020). O locutor precisa estar atento a sua narração, é através dela que será possível cativar o ouvinte e ter um *storytelling* de sucesso.

⁴ Em tradução livre: anunciado hoje o que está levando o Podcasting para o *mainstream*, construindo tudo que os usuários precisam para descobrir, assinar, gerenciar e ouvir Podcasts direto no iTunes® 4.9 [...] Os usuários do iTunes podem agora facilmente se inscrever em mais de 3.000 podcasts gratuitos e ter cada novo episódio entregue automaticamente pela Internet para seu computador e iPod [...] O novo Diretório de Podcast no iTunes 4.9 apresenta mais de 3.000 programas de áudio gratuitos, tornando-o um dos maiores diretórios de Podcast do mundo. O iTunes permite que qualquer pessoa encontre e se inscreva de forma rápida e fácil em seus Podcasts favoritos para que, sempre que houver um novo episódio, ele seja baixado automaticamente para o Mac® ou PC e sincronizado automaticamente com o iPod. O iTunes também facilita o gerenciamento de várias assinaturas de Podcast com organização simples e exibição por episódio e data. A partir de hoje, os iPods oferecerão um menu de Podcast fácil de usar, incluindo marcação em um Podcast e a capacidade de exibir a arte colorida do Podcast.

⁵ Em tradução livre: Nos Estados Unidos, programas de rádio documentários como RadioLab, This American Life e Radio Diaries apresentam programas esgotados, contando histórias da vida real que combinam jornalismo sério com narrativas pessoais convincentes, discurso filosófico e um tom irreverente, mas sempre envolvente.

A narrativa segundo Santos e Peixinho (2019):

As narrativas conseguem captar a atenção do ouvinte: porque partilham socialmente os sentidos; porque desencadeiam um processo cognitivo que convida o receptor a imergir no universo diegético; porque envolvem processo emocionais. Por outras palavras, numa perspectiva cognitivista, a narrativa é um modelo de comunicação mais eficaz porque mais persuasivo, o que decorre do seu estatuto privilegiado na cognição humana. [...] Umbilicalmente ligada ao conhecimento, desde logo por um vínculo etimológico, a narrativa é o modo discursivo e o tipo textual através do qual se organiza o mundo, se criam imagens do real, se articula e se lê a sua complexidade, produzindo crenças sociais, ditando normas de conduta, disseminando estereótipos e fornecendo imagens dos outros. (SANTOS & PEIXINHO, 2019 p. 150)

Mas não são apenas as palavras que trazem o elemento narrativo para o podcast, é preciso também uma edição com recursos sonoros e musicais, trazendo o ouvinte para dentro da história. Os sons são divididos entre: naturais (sons de pessoas conversando em um ambiente, sirenes na cidade, passos) que são capturados, normalmente, no próprio ambiente onde está acontecendo e efeitos sonoros: que são sons criados em estúdios e editados (explosões, rugidos de animais e etc).

O silêncio também faz parte da narrativa, uma pausa na fala pode transmitir tanta informação quanto um som. Rodrigues (2006) define três grandes categorias para definir o efeito do silêncio em produções audiovisuais:

o uso sintático: quando os efeitos do silêncio são usados para organizar e estruturar os conteúdos audiovisuais - ou seja, quando atuam simplesmente como instrumentos de separação. Esse tipo de uso é determinado por um contexto que poderíamos denominar “de conteúdo neutro”. Por exemplo: quando o efeito silêncio se situa no final de um texto oral que acaba de ser finalizado depois de uma situação dramática que foi resolvida com um final feliz, ao término de uma peça musical completa; etc. [...]

o uso naturalista: corresponde àqueles efeitos silêncio utilizado para imitar rigorosamente os sons da realidade referencial: o som dos passos desaparece/efeito silêncio/; a respiração deixa de ser ouvida/efeito silêncio/; o som do pneu rodando pára e cessa, ruído do motor/efeito silêncio/; etc. [...] e finalmente chamamos de uso dramático o uso consciente do efeito silêncio por parte do narrador para expressar algum tipo de informação simbólica específica como morte, suspense, vazio, angústia, etc. (RODRIGUES, 2006, p. 187 - 189)

Todos esses elementos colaboram para uma narrativa atraente e que prenda o ouvinte, desperte sua curiosidade e crie uma imagem única. Outra peça fundamental para a construção da narrativa são as entrevistas, segundo Hedemann (apud Lindgren), as entrevistas vão em busca de 3 propósitos:

1. criar imagens na mente dos ouvintes (para que eles possam “ver” o que está acontecendo)
2. contar a história (ajudando o ouvinte a entender o desenvolvimento)
3. deixar o entrevistado refletir sobre os eventos (o ouvinte acompanha como o entrevistado entende e processa o que aconteceu). (HEDEMANN *apud* LINDGREN, 2011, p.72)

As entrevistas são, de fato, o que trazem vida e “corpo” para os programas, são as histórias reais contadas por pessoas reais e que envolvem o ouvinte para que ele sinta dentro do que está sendo contado. Depois de todo o processo de apuração, entrevistas e seleção de sons é feita a edição, a junção de todos os elementos criando uma história completa, é o passo essencial para saber como o produto final vai soar. Para Lindgren a edição é mais do que apenas a junção de sons e áudio, é sobre saber ditar o ritmo que seu programa terá. (Lindgren, 2011, p. 84-85).

4. Relatório Técnico

Neste capítulo serão apresentadas as etapas de construção do *podcast* Jogo Justo. O projeto tem como objetivo elucidar o papel da mulher dentro dos esportes e do jornalismo esportivo através de relatos de mulheres que fazem do esporte sua profissão. O trabalho teve início em agosto de 2021 com o desenvolvimento do escopo do projeto e definição de quais seriam os temas principais a serem abordados ao decorrer dos episódios. Ao total, foram três meses para o desenvolvimento do produto inicial a ser apresentado.

Para relatar o desenvolvimento desse projeto desde a idealização até a disponibilização do primeiro episódio nas plataformas de *streaming*, esse relatório foi dividido em: 1) Pré-produção onde será abordado o processo de pesquisa, desenvolvimento da ideia e criação do roteiro. 2) Produção: relato do processo e definição das personagens que participarão dos episódios e a realização das entrevistas. 3) Pós-produção: processo de edição e divulgação.

4.1. Pré-produção

A pré-produção teve início com as primeiras reuniões de orientação com o professor Joaquim Lannes. A primeiro momento a ideia para o projeto experimental era voltada para outro tema, não relacionado ao esporte, porém, em nossa segunda reunião, no dia 04 de agosto, conseguimos definir o novo e definitivo tema, abordando o caminho das mulheres no jornalismo esportivo e também na prática esportiva.

Durante o mês de agosto, após a definição da temática, fui em busca de autores para o embasamento teórico deste memorial. Durante os meses de agosto e setembro me dediquei a escrita teórica, abordando os assuntos das histórias das mulheres praticando esportes e também a história do jornalismo esportivo no Brasil.

No final do mês de setembro comecei a busca pelas primeiras fontes que iriam ser entrevistadas para a produção do *podcast*. As primeiras tentativas de entrevistas foram bastante frustrantes, principalmente em relação à jornalistas, quase nunca recebia uma resposta positiva. A priori estava tentando contato com jornalistas e atletas de grande expressividade no país, logo em seguida comecei uma lista alternativa de nomes e o projeto tomou forma.

Antes da primeira entrevista defini as perguntas principais que seriam feitas para as entrevistadas. De forma geral todas as entrevistas buscam saber como foi o início da carreira da entrevistada, como foi se infiltrar em um mundo tão dominado por homens, se em algum momento, enquanto exercia sua profissão, sofreu machismos e também qual a perspectiva de futuro da profissão.

4.2. Produção

Durante o processo de produção fiz a criação do roteiro do piloto, contextualizando a história esportiva no Brasil, mostrando a importância de contar a história das mulheres que escolheram o esporte como profissão.

A ideia inicial era que o *podcast* tivesse 10 minutos de duração e que cada episódio contasse com a participação de mais de uma mulher, porém, logo após a primeira entrevista realizada com a Maria Elizabe Jorge – Bete do Peso, percebi que ao fazer isso iria limitar muito as histórias dessas mulheres. Com isso, a roupagem do programa mudou, cada episódio contaria a história de uma única mulher para não limitar as histórias e não perder nenhum detalhe importante.

A primeira entrevista foi com a Bete do Peso, ex-atleta olímpica, realizada na cidade de Viçosa no dia 29/09/2021 às 14:00. A entrevista foi gravada com um celular da marca Xiaomi e um microfone da marca K-nup modelo KP M0023. A entrevista teve duração de 01 hora e 20 minutos.

A segunda entrevista, com a jornalista Kaliandra Alves, fotojornalista e criadora do blog Futebol por Elas, aconteceu no dia 13/10/2021 às 16:10, realizada via Google Meet e teve duração de 01 hora e 5 minutos. A realização dessa entrevista aconteceu depois de algum tempo, pois encontrei algumas dificuldades na marcação de entrevistas com as jornalistas; o contato com a Kaliandra teve início quando a, também aluna do curso de Comunicação Social – Jornalismo, Ana Luísa Medeiros me indicou o contato e fez uma ponte para que conseguisse entrar em contato.

As gravações das minhas sonoras, utilizadas no *podcast*, também foram realizadas com o microfone da marca K-nup modelo KP M0023. Improvisamos um estúdio em casa, as gravações foram feitas na minha própria casa em um quarto improvisado de estúdio. Devido a pandemia e também a obras os espaços do departamento, como o estúdio de rádio, estavam limitados.

O nome do programa foi um dos últimos processos a acontecerem, mesmo com o roteiro do piloto pronto, com a primeira entrevista já feita, ainda não havia encontrado o nome ideal. As primeiras versões do roteiro foram escritas como “bem-vindos ao *podcast* sem nome”. Ao ler uma matéria falando sobre o *fair-play* econômico entre os times europeus veio a ideia de utilizar Jogo Justo como nome.

Afinal, durante as entrevistas, pesquisas e escrita percebi que a discrepância presente entre homens e mulheres, tanto nos esportes quanto no jornalismo, é gritante e tudo que nós, mulheres, buscamos é a equidade e um “jogo justo” entre todos.

4.3. Pós-produção

No estágio de pós-produção é o momento de unir as gravações com os outros elementos que vão compor o programa. O primeiro passo foi realizar a decupagem das entrevistas, esse foi o processo que mais tomou tempo, tendo em vista que cada entrevista feita, para os dois primeiros episódios, possuía 1h de duração.

A gravação das minhas sonoras para os episódios foi realizada no programa Adobe Audition 2020 e em relação a edição, foram utilizados os programas Adobe Audition 2020 e também o programa Adobe Premiere 2020.

A trilha sonora utilizada durante a edição foi uma escolha para deixar o programa dinâmico e leve. Foi composta pela música Vem Jogar (Olivia, Carine Luup e Janine Mathias) foi utilizada como background a trilha “*free urban style*”.

Depois do processo de gravação e edição, foi iniciada a criação de uma identidade visual para o programa Jogo Justo, utilizando os programas Adobe Photoshop e Adobe Illustrator foram criados um logo e também as capas de cada episódio produzido até então.

Para a divulgação em plataforma de *streaming* foi criado um perfil com o nome Jogo Justo no aplicativo *Spotify*, onde serão disponibilizados todos os episódios para os ouvintes. Todos esses processos foram executados pela a autora deste trabalho.

5. Considerações finais

Os temas abordados durante a criação deste memorial, e também dos episódios do *podcast*, trazem à tona um problema sofrido por todas as mulheres durante as fases de sua vida: o machismo. As mulheres estão sempre sendo alvo de duras críticas, e quando se está envolvido os esportes, em especial o futebol, essas críticas são ainda mais duras. Além das críticas há a misoginia de forma explícita.

As mulheres são maioria na sociedade e ainda não são maioria nos esportes, ainda não maioria nas redações jornalísticas e nem são remuneradas de forma igualitária - no esporte e no jornalismo.

A ideia deste trabalho é poder escancarar essa problemática e mostrar que as mulheres são capazes do que quiser, como quiser e quando quiser, é também abrir um espaço para que as mulheres possam contar as suas histórias de lutas e discutirmos como podemos alcançar a tão sonhada equidade de gênero.

A realização de um projeto experimental para o trabalho de conclusão de curso permite que sejam exploradas as habilidades adquiridas durante a graduação e é também uma grande oportunidade de se utilizar a criatividade. Um trabalho experimental, também possui uma carga de trabalho maior, são várias variáveis: entrevistas, edições, escutas, o que pode tornar o trabalho mais árduo.

O trabalho experimental também nos faz entender, de forma prática, como devem as linguagens utilizadas durante o produto criado. No programa Jogo Justo mesclou a linguagem jornalística com a linguagem mais informal; em alguns momentos são feitas ambientações de locais, sentimentos e a minha própria percepção do que está sendo falado para que o ouvinte se sinta dentro das histórias contadas.

A questão do tempo também foi um ponto discutido, era importante que os episódios não fossem longos, com a internet o conteúdo precisa ser mais enxuto e preciso. A princípio a ideia era que os episódios não passassem de 10 minutos; com as primeiras entrevistas feitas, com o roteiro gravado e partindo para a edição os programas ficaram com uma média de 15 minutos.

Sobre as gravações um problema encontrado foi a realização sem os equipamentos, ou estúdio, fornecidos pelo departamento devido à pandemia de COVID-19. Foi um desafio realizar as gravações em um quarto improvisado, porém os resultados foram mais que satisfatórios.

A continuidade do programa Jogo Justo após a defesa deste TCC é uma realidade, ainda há muitas histórias para serem contadas. A ideia é dar continuidade e agregar também entrevistas com mulheres torcedoras, trazendo, assim, uma discussão ainda maior para as problemáticas relacionadas ao machismo sofrido pelas mulheres que escolhem os esportes como paixão e também como profissão.

6. Referências

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos feministas*, v.12, p. 445-65, 2003.

APPLE. **Nota à imprensa: Apple Takes Podcasting Mainstream**. Disponível em: <https://www.apple.com/newsroom/2005/06/28Apple-Takes-Podcasting-Mainstream/>. Cupertino, Califórnia. 2005. Acesso em: 15 set. 2021

ARRUDA, Eduardo. **FPF institui jogadora-objeto no Paulista: para entidade, beleza é requisito básico na seleção de atletas para a competição feminina que começa em outubro**. Folha de São Paulo. São Paulo, 16 set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>. Acesso em: 14 ago. 2021.

ARRUDA, Eduardo. **Paulista feminino acha o "futebol bonito" em peneira: Atributos físicos superam capacidade técnica no início da seleção da FPF**. 21 set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2109200104.htm> . Acesso em: 14 ago. 2021.

ASSIS, Pablo de. **O Feed e a Fidelização do Podovinte**. In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014, p. 29-47

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no Programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Franciscano, UNIFRA. Santa Maria, RS. 68p. Ano 2012.

BASTTOS, Nadine. **Paixão por futebol: entrevista**. 10 de agosto de 2020. Rio de Janeiro. Rede Globo. Entrevista concedida a Fátima Bernardes no programa Encontro com Fátima. Disponível em: < <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/episodio/2020/08/10/videos-do-episodio-de-encontro-com-fatima-bernardes-de-segunda-feira-10-de-agosto-de-2020.ghtml>>

BRAVO, Débora Vasconcelos Tavares. **Elas assumiram o comando. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. Trabalho de Conclusão de Curso. 57p. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais, MG. Ano 2009.

BRASIL, DECRETO LEI nº 3.199, de 14 de Abril de 1941.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011.

COUBERTIN, P. “As Mulheres e os Esportes”, in *Revista Educação Physica*, v.21. Rio de Janeiro, 1938, p. 60.

CARDOSO, M. Elas venceram. *Revista Veja*, São Paulo, n.1645, p.20-2, 2000.

FELIPPO, Bruno. **Existe jornalismo esportivo feminino?**. Artigo de opinião. Março de 2014. Disponível em: <http://www.radioemrevista.com/existejornalismo-esportivo-feminino/>. Acesso em 15 set. 2021.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), p.14-151, 2005.

LINDGREN, Mia. **Journalism as research: Developing radio documentary theory from practice.** Tese. Murdoch University, Perth, 2011. Disponível em: <https://researchrepository.murdoch.edu.au/id/eprint/5858/2/02Whole.pdf>

LUIZ, Lucio. **A história do podcast.** In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014, 120 p.

MATOS, Ana Thais. **Paixão por futebol: entrevista.** 10 de agosto de 2020. Rio de Janeiro. Rede Globo. Entrevista concedida a Fátima Bernardes no programa Encontro com Fátima. Disponível em: < <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/episodio/2020/08/10/videos-do-episodio-de-encontro-com-fatima-bernardes-de-segunda-feira-10-de-agosto-de-2020.ghtml>>

MUSEU DO FUTEBOL. **Rádio Mulher.** Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>. Acesso em: 01 set. 2021.

MCHUGH Siobhan A. **Not dead yet: emerging trends in radio documentary forms in Australia and the US.** Australian Journalism Review, n. 35 (2), 2013. Disponível em: <https://theconversation.com/a-word-in-your-ear-how-audio-storytelling-got-sexy-20431>

NUNES, Maíra. **Entenda porquê é tão difícil acompanhar o futebol feminino no Brasil.** 2018. Elas no Ataque - Correio Braziliense. Disponível em: <https://blogs.correio braziliense.com.br/elasnoataque/onde-assistir-futebol-feminino-no-brasil/>. Acesso em: 24 set. 2021.

PIERIN, Gabriel. **O dia em que a guerra parou.** 2021. Centro de Memória - Santos FC. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/o-dia-em-que-a-guerra-parou/>. Acesso em: 25 set. 2021.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão.** Imprensa Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, SP, 2010.

RESULTADOS DIGITAIS. **Storytelling: o que é e como aplicá-lo no dia a dia.** 202. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/agencias/storytelling/>. Acesso em: 08 set. 2021.

RIGHI, Anelise Farenzen. **As donas da bola.** Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Franciscana de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/anelise-righi.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

RODRÍGUES, Ángel. **A Dimensão Sonora da Linguagem Audiovisual.** São Paulo: Senac, 2006. 344 p.

RUBIO , K.; & VELOSO, R. C. **As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica.** Revista USP, 2009. (122), 49-62. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i122p49-62>

SÁ, Juliana. **Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos.** 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SANTOS, Diego de Oliveira. **Recepção do discurso esportivo produzido por mulheres comentaristas na cidade de palmeira das missões.** Artigo acadêmico. 23p. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS. 2011.

SANTOS, Sílvio; PEIXINHO, Ana. **A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem.** Revista Estudos em Comunicação, Coimbra, v. 29, n. 29, p. 147-158, dez. 2019. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/555/pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.

SCHMIDT, A. **O que é podcast.** Techmundo. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/1252-o-que-e-podcast-.html>. Acesso em 20 ago. 2021.

SINGER, R. N. **Psicologia dos Esportes: Mitos e Verdades.** São Paulo: Harper e Row do Brasil. 1997.

SOUSA, E. S.; & ALTERMANN, H. **Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar.** Cadernos Cedes, ano XIX, N.48. 1999, p 52-68.

TEIXEIRA, Carla Cristina da Costa. **A LINGUAGEM VISUAL DAS VINHETAS DA MTV: VIDEODESIGN COMO EXPRESSÃO DA CULTURA PÓS-MODERNA.** 2006. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8755@1>. Acesso em: 15 set. 2021.

7. Anexos

<p>APRESENTAÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO: DÉBORAH MARTINS</p>	<p>TEMPO: 00:13:32</p>
<p>ORIENTAÇÃO: JOAQUIM LANNES</p>	

<p>ABERTURA COM MÚSICA “VEM JOGAR”</p> <p>BG: FREE URBAN STYLE</p> <p>EFEITO SONORO CLICK E DIGITAÇÃO</p> <p>BG: FREE URBAN STYLE</p>	<p>ANTES DE COMEÇAR UMA SUGESTÃO: PARA MERGULHAR AINDA MAIS NAS HISTÓRIAS, USE FONES DE OUVIDO.</p> <p>OLÁ, SEJA BEM VINDO MAIS UMA VEZ AO JOGO JUSTO // EU SOU A DÉBORAH MARTINS E DURANTE OS NOSSOS EPISÓDIOS VAMOS CONHECER AS HISTÓRIAS DE MULHERES QUE FIZERAM DOS ESPORTES A SUA PROFISSÃO E MESMO COM TODAS AS DIFICULDADES NUNCA DESISTIRAM!</p> <p>QUERO COMEÇAR O EPISÓDIO DE HOJE COM UMA PESQUISA: QUANTAS MULHERES VOCÊ CONHECE QUE SÃO JORNALISTAS?// E DESSAS QUE VOCÊ CONHECE/ QUANTAS ESTÃO COBRINDO ESPORTES?</p> <p>AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO SÃO POUCAS E POSSUEM UMA HISTÓRIA MUITO RECENTE// PARA VOCÊ TER IDEIA DE QUÃO RECENTE ESTOU FALANDO: APENAS EM 2019 TIVEMOS A PRIMEIRA MULHER COMENTANDO FUTEBOL MASCULINO NA TV ABERTA// ESSA MULHER FOI ANA THAIS MATOS, NA REDE GLOBO.</p>
---	--

<p>SOBE SOM COM HINO DO GRÊMIO</p> <p>CAI PARA BG: FREE URBAN STYLE</p> <p>SONORA 00:00:07 A 00:00:42</p> <p>BG: FREE URBAN STYLE</p> <p>SONORA 00:00:43 A 00:02:38</p>	<p>OUTROS GRANDES NOMES DE JORNALISTAS FAZENDO HISTÓRIA NA EDITORIA DE ESPORTE SÃO: GLEND KOSLOYVKY (COSLOVISQUI), RENATA FAN EISABELA ESCALABRINI// QUE SÃO CONSIDERADAS COMO AS PIONERAS E REFERÊNCIAS DENTRO DO MUNDO ESPORTIVO.</p> <p>HOJE VAMOS CONHECER A HISTÓRIA DA JORNALISTA KALIANDRA ALVES// FORMADA EM 2017 PELA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO/ NO RIO GRANDE DO SUL.</p> <p>A HISTÓRIA DA KALIANDRA COM O ESPORTE// EM ESPECIAL COM O FUTEBOL// COMEÇA AO OUVIR O SEU PAI CONTANDO AS HISTÓRIAS DO IMORTAL TRICOLOR// O GRÊMIO</p> <p>E O GRÊMIO NÃO FOI RESPONSÁVEL APENAS PELA PAIXÃO PELO FUTEBOL NA VIDA DA KALIANDRA// QUANDO ERA CRIANÇA O SEU PAI PRECISOU SE MUDAR DE CIDADE E ISSO ACABOU CRIANDO UM DISTANCIAMENTO ENTRE A RELAÇÃO DE PAI E FILHA// FOI ATRAVÉS DO FUTEBOL QUE KALIANDRA VIU UMA OPORTUNIDADE DE SE APROXIMAR NOVAMENTE DO PAI/ ASSISTINDO OS JOGOS E VENDO O SENTIMENTO PELO TIME CRESCENDO E RECUPERANDO SEU LAÇO ÚNICO COM O PAI</p>
--	---

TENHO CERTEZA QUE VOCÊ JÁ ACOMPANHOU UM PÓS JOGO// ONDE O JORNALISTA FAZ UM APANHADO GERAL DOS MELHORES MOMENTOS/ OS GOLS/ OS MELHORES JOGADORES// E A ASPIRANTE A JORNALISTA KALIANDRA, EM 2008/ JÁ SE PREPARAVA PARA O SEU MOMENTO DE BRILHAR COMO JORNALISTA MUITO ANTES MESMO DE ENTRAR NA FACULDADE DE JORNALISMO// O SEU PÓS JOGO ERA FEITO EM UM CADERNO DE 10 MATERIAS E ALI ELA CRIAVA UM AMOR INCONDIONAL PELO SEU TIME DO CORAÇÃO

**SONORA 00:00:43 A
00:02:38**

EM 2011 O CAMINHO PARA SE TORNAR UMA JORNALISTA COMEÇOU A SER SEGUIDO// COM ALGUMAS DIFICULDADES E SEM NUNCA DESISTIR/ EM 2017 KALIANDRA SE FORMA E COMEÇA DE FATO/ A TRILHAR O SEU RUMO NO JORNALISMO ESPORTIVO// RECÉM FORMADA E CHEIA DE SONHOS SURGE A PRIMEIRA OPORTUNIDADE DE TRABALHO// FOI PRECISO UMA TROCA DE CIDADE PARA INICIAR/ MAS ELA EMBARCOU SEM MEDO ALGUM E FOI CONQUISTAR O SEU ESPAÇO DENTRO DOS ESPORTES

**SONORA 00:05:33 A
00:07:48**

SE VOCÊ QUE ESTÁ ME OUVINDO TEM ALGUMA REDE SOCIAL E É FÃ DE ESPORTES/ TENHO CERTEZA QUE VOCÊ JÁ LEU ALGUM COMENTÁRIO QUE DUVIDASSE DA CAPACIDADE DE ALGUMA MULHER QUE ESTIVESSE EXERCERENDO O SEU PAPEL COMO JORNALISTA/ COMENTARISTA// E INFELIZMENTE/ ESSAS COISAS TAMBÉM ACONTECERAM COM A NOSSA CONVIDADA// KALIANDRA CONTA QUE NO SEU ÍNICIO DE JORNALISMO ESPORTIVO FOI DESACRETADA/ MAS QUE NUNCA BAIXOU A CABEÇA E IA SEMPRE EM FRENTE EM BUSCA DO SEU GRANDE SONHO

**SONORA 00:16:32 A
00:19:27**

E SE VOCÊ ACHA QUE SER DESACRETIDADA EM SUA PRÓPRIA PROFISSÃO É POUCO// UMA VEZ FAZENDO /A COBERTURA DA DIVISÃO DE ACESSO/ EM 2018// ALGUNS TORCEDORES COMEÇARAM A GRITAR PARA KALIANDRA QUE IRIAM PEGA-LA AO FINAL DO JOGO// E ISSO GEROU UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA E A CERTEZA DE QUE O CAMINHO DO JORNALISMO ESPORTIVO NÃO SERIA TÃO FÁCIL// MAS QUE NÃO SERIA ABANDONADO TÃO CEDO.

**SONORA 00:19:36 A
00:21:46**

QUANTAS MULHERES VOCÊ CONHECE E CONSIDERA COMO GRANDES REFERÊNCIAS NO JORNALISMO ESPORTIVO? EM MINHA EXPERIÊNCIA COMO ESPECTADORA LEMBRO DE POUCAS, TALVEZ DUAS OU TRÊS// E ASSIM COMO EU/ KALIANDRA TAMBÉM CRESCEU COM ALGUMAS POUCAS REFERÊNCIAS E ACREDITA QUE ALGUMAS EMISSORAS AINDA TÊM RECEIO DE COLOCAREM MULHERES A FRENTE DAS EDITORIAS ESPORTIVAS//

**SONORO 00:25:28 A
00:26:46**

PERGUNTEI A KALIANDRA SE ELA ESPERA QUE ACONTEÇA UMA IGUALDADE ENTRE OS HOMENS E MULHERES NO JORNALISMO// E BOM// TIVE UMA RESPOSTA QUE ME SURPREENDEU

**SONORA 00:50:56 A
00:52:06**

CONVERSAMOS SOBRE O BLOG FUTEBOL POR ELAS//
KALIANDRA FOI UMA DAS FUNDADORAS DO BLOG EM
2015// HOJE AS REDES SOCIAIS POSSUEM CERCA DE 200
MIL SEGUIDORES E É UMA PÁGINA FIRME EM SUAS
CONVICÇÕES

**SONORA 00:35:27 A
00:36:47 E**

**SONORA 00:40:13 A
00:42:17 E SONORA
00:44:42 A 00:46:33**

DEPOIS DE TODA ESSA CONVERSA EU TIVE MAIS
CERTEZA DE COMO NÓS MULHERES/ PRECISAMOS
NOS FORTALECER E LUTAR PELOS NOSSOS ESPAÇOS
NO JORNALISMO ESPORTIVO// NÃO SERÁ NUNCA UM
CAMINHO FÁCIL/ VAMOS OUVIR MUITA GENTE
DUVIDANDO DO NOSSO POTENCIAL/ VAMOS OUVIR
CRITICAS AO NOSSO TRABALHO// MAS SE AMAMOS O
QUE FAZEMOS NÃO PODEMOS DESISTIR.//

AO FINAL PEDI PARA QUE A KALIANDRA DEIXASSE
UMA MENSAGEM PARA AS MENINAS QUE ESTÃO
COMEÇANDO A DAR OS PRIMEIROS PASSOS NO
JORNALISMO ESPORTIVO// E ELA ACREDITA QUE
PERSEGUIR SEU SONHO É SEMPRE A MELHOR OPÇÃO//
ENTÃO/ CONTINUEM MENINAS// O JORNALISMO
ESPORTIVO É NOSSO!

**SONORA 00:52:23 A
00:53:01**

O JOGO JUSTO VAI FICANDO POR AQUI// OBRIGADA POR
NOS ACOMPANHAR EM MAIS UMA HISTÓRIA
INCRÍVEL// NO PRÓXIMO EPISÓDIO VAMOS CONHECER
A HISTÓRIA DA JORNALISTA GABRIELA NOLASCO// TE
ESPERO LÁ!

APRESENTAÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO: DÉBORAH MARTINS	TEMPO: 00:17:04
ORIENTAÇÃO: JOAQUIM LANNES	

<p>ABERTURA COM MÚSICA “VEM JOGAR”</p> <p>BG: FREE URBAN STYLE</p>	<p>ANTES DE COMEÇAR UMA SUGESTÃO: PARA MERGULHAR AINDA MAIS NAS HISTÓRIAS, USE FONES DE OUVIDO.</p> <p>OLÁ, SEJA BEM VINDO AO JOGO JUSTO // EU SOU A DÉBORAH MARTINS E DURANTE OS NOSSOS EPISÓDIOS VAMOS CONHECER AS HISTÓRIAS DE MULHERES QUE FIZERAM DOS ESPORTES A SUA PROFISSÃO E MESMO COM TODAS AS DIFICULDADES NUNCA DESISTIRAM!</p> <p>PARA COMEÇAR A NOSSA VIAGEM PELO MUNDO ESPORTIVO TEMOS QUE VOLTAR AO TEMPO EM QUE AS MULHERES ERAM RECRIMINADAS POR PARTICIPAREM DE ATIVIDADES ESPORTIVAS.</p> <p>EM 14 DE ABRIL DE 1941 O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS ASSINOU O DECRETO 3.199 / QUE PROIBIA A PARTICIPAÇÃO FEMININA EM ESPORTES COMO O RUGBY, LUTAS, SALTOS COM VARA, DECATHLON E TAMBÉM O FUTEBOL.// DURANTE QUASE 40 ANOS ESSES ESPORTES FORAM CONSIDERADOS COMO NÃO ADEQUADOS PARA A “NATUREZA FEMININA”</p> <p>ESSAS MODALIDADES ERAM VISTAS COMO "MASCULINIZANTES" PARA AS MULHERES POR SEREM ESPORTES QUE EXIGEM UM GRAU DE</p>
--	---

FORÇA MAIOR E POR SEREM ATIVIDADES COM MUITO CONTATO FÍSICO// A EXIBIÇÃO DOS CORPOS TAMBÉM NÃO ERA VISTO COM BONS OLHOS PELA SOCIEDADE/ AS MULHERES NÃO ERAM RESPEITADAS.

PARA COMEÇAR A NOSSA JORNADA VAMOS CONHECER A HISTORIA DA MARIA ELISABETE JORGE/ OU A BETE DO PESO/ COMO É CONHECIDA.// BETE FOI CAMPEÃ SUL AMERICANA/ RECORDISTA SULA AMERICANA/ TETRA CAMPEÃ MUNDIAL E A PRIMEIRA HALTEROFILISTA A REPRESENTAR O BRASIL EM UMA OLIMPIADA

QUANDO CHEGUEI PARA ENTREVISTAR A BETE EU ESTAVA MUITO NERVOSA/ NÃO É TODO DIA QUE SE TEM A OPORTUNIDADE DE ENTREVISTAR UMA LENDA VIVA NO ESPORTE COMO ELA.// MARCAMOS O NOSSO ENCONTRO NA SUA SALA DE TREINAMENTO/ LOCALIZADA NUMA ASSOCIAÇÃO DA CIDADE DE VIÇOSA// INTERIOR DE MINAS GERAIS.

É EXATAMENTE NESSA CIDADE QUE A HISTÓRIA DA BETE TEM COMEÇO// E A VIDA DE ESPORTES PARA BETE COMEÇOU QUANDO ELA/ AINDA MENINA/ JOGAVA COMO GOLEIRA DE HANDEBOL// DEPOIS DISSO VEIO A PAIXÃO PELO ATLETISMO E SÓ DEPOIS DE UM TEMPO ELA SE AVENTUROU NO LEVANTAMENTO OLÍMPICO DE PESOS.

**SONORA 00:01:37 A
00:02:14**

QUANTAS VEZES VOCÊ QUE ESTÁ ME OUVINDO JÁ LEU/ OUVIU E OUVIU REPETIDAS VEZES ALGUM ATLETA CONTAR COMO FOI DIFÍCIL O INICIO DE SUA CARREIRA?// COM A NOSSA CONVIDADA NÃO FOI DIFERENTE/ ANTES DE EMBARCAR NOS ESPORTES DE FORMA

**SONORA 00:02:37 A
00:04:07**

PROFISSIONAL, BETE LAVAVA ROUPAS PARA ESTUDANTES EM VIÇOSA E TAMBÉM TRABALHAVA EM UMA PIZZARIA// CONCILIAR O TRABALHO FORA/ O TRABALHO COM ESTUDANTES E A ROTINA DE TREINAMENTOS NÃO SERIA FÁCIL// E INFELIZMENTE, BETE PERDEU O PRIMEIRO TREINAMENTO

**SONORA 00:04:08 A
00:04:51**

UM DIA SAINDO DO SEU TRABALHO BETE ENCONTROU COM O PROFESSOR DAVI MONTEIRO GOMES/ QUE A CONVIDOU MAIS UMA VEZ PARA OS TREINAMENTOS DA EQUIPE DE LEVANTAMENTO DE PESOS// E FOI NESSE MOMENTO QUE A VIDA DE MARIA ELISABETE JORGE MUDARIA, MAS ELA AINDA NÃO SABIA DISSO

**SONORA “NA
QUARTA FEIRA EU
ENTREI E ATÉ
HOJE EU ESTOU
LÁ”**

OUVI DA BETE UMA FRASE QUE FICOU POR DIAS MARTELANDO NA MINHA CABEÇA// NA QUARTA FEIRA EU ENTREI NA SALA DE LEVANTAMENTO DE PESOS ÀS 16H E ATÉ HOJE EU ESTOU LÁ

ESSA FRASE ME MARCOU MUITO PORQUE BETE PODERIA TER DESISTIDO/ HAVIA MUITO PRECONCEITO// AFINAL, ENTRAR EM MUNDO TÃO DOMINADO POR HOMENS NÃO ERA FÁCIL E SERIA UM CAMINHO LONGO A SER SEGUIDO// BETE OUVIU DIVERSAS VEZES QUE O SEU LUGAR COMO MULHER NÃO ERA NOS ESPORTES/ QUE ELA DEVERIA ESTAR CUIDANDO DA CASA/ PILOTANDO UM FOGÃO OU CUIDANDO DOS FILHOS E MARIDO.// E OUVIU TAMBÉM QUE UMA MULHER PRATICANDO ESPORTES NÃO ERA UMA MULHER E QUE ELA QUERIA SE TORNAR UM

**SONORA 00:04:52 A
00:05:12
SONORA 00:08:21 A
00:09:00 (PARTE DO
PAI) E SONORA
00:20:18 A 00:21:05**

**SONORA 00:19:26 A
00:20:20**

**SONORA 00:10:51 A
00:11:37**

HOMEM

MAS O PRECONCEITO ULTRAPASSAVA AS BARREIRAS DO QUE É SER MULHER OU HOMEM// BETE, UMA MULHER NEGRA CHEGOU A OUVIR QUE SÓ CONSEGUIRIA LEVAR SEUS ATLETAS A UMA OLIMPIADA SE FOSSE BRANCA, LOIRA E DOS OLHOS CLAROS.

TER A SUA COMPETÊNCIA COMO TREINADORA E COMO ATLETA QUESTIONADA, APENAS POR SER MULHER E NEGRA.// VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR VIVER COM ESSE PESO? MAS A BETE NUNCA ENTREGOU OS PONTOS, ELA IA SEMPRE MAIS LONGE PROVANDO QUE A MULHER PODE SER O QUE QUISER.//

HOJE DEPOIS DE 33 ANOS BETE PERSISTE E É VISÍVEL O SEU AMOR PELO LEVANTAMENTO DE PESOS// MESMO COM OS SEUS 64 ANOS BETE CONTINUA A TREINAR DIVERSOS ALUNOS// ELA QUE JÁ FOI TÉCNICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE LEVANTAMENTO DE PESOS/ MOSTRA UMA GARRA E FAZ QUESTÃO DE DIZER QUE DEIXAR O LEVANTAMENTO DE PESOS MORRER EM SUA VIDA NÃO É UMA OPÇÃO

DURANTE A NOSSA CONVERSA FALAMOS SOBRE AS COBRANÇAS QUE AS MULHERES SOFREM/ MAIS UMA VEZ FUI SURPREENDIDA COM UMA

**SONORA 00:13:23 A
00:14:15/ SONORA
00:07:39 A 00:08:20 E
SONORA 00:08:21 A
00:09:00
(DIFICULDADE
PARA
PATROCÍNIOS)**

FRASE DITA PELA BETE/ DE QUE AS MULHERES NÃO PRECISAM SE IGUALAR AOS HOMENS/ MAS SIM CONTINUAR LUTANDO PELOS SEUS ESPAÇOS DO SEU PRÓPRIO JEITO//

**SONORA 00:45:40 A
00:46:20**

MAS NEM TUDO SÃO FLORES// DURANTE A SUA CARREIRA BETE SOFREU UM ACIDENTE PRATICANDO CAPOEIRA/ E ISSO ACONTECEU UM POUCO ANTES DA REPESCAGEM PARA AS OLIMPIADAS// NA ARGENTINA// BETE BATEU OS DOIS JOELHOS NO CHÃO E ISSO PROVOCOU UMA CONTUSÃO EM SUA LOMBAR// MAS NEMMESMO ISSO DESANIMOU A ATLETA// MESMO COM UMA DAS PERNAS ENGESSADAS BETE ENCONTROU UM JEITO DE TREINAR/ O SONHO OLÍMPICO NÃO PODERIA MORRER ALI

**SONORA 00:51:20 A
00:55:04**

E AO CHEGAR NAS OLIMPIADAS MAIS UM ACIDENTE// BETE ACOSTUMADA A TREINAR COM AS BARRAS MASCULINAS/ COMEÇA A TREINAR COM AS BARRAS FEMININAS// QUE FORAM CRIADAS PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY// MAS A BARRA LHE CAUSA UM ACIDENTES NAS MÃOS QUE PREJUDICA MUITO O SEU DESEMPENHO NO ARRANCO E NO ARREMESSO/

**SONORA 00:59:21 A
01:00:01 E SONORA
01:00:41 A 01:01:06**

E POR FALAMOS EM MUDANÇAS PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY// AS ROUPAS TAMBÉM SOFRERAM MUDANÇAS PARA QUE AS MULHERES PUDESSEM COMPETIR COM UM CONFORTO MAIOR. // BETE MOSTRA COMO ESSAS MUDANÇAS SÃO CRUCIAIS E FALA DA IMPORTÂNCIA DAS ATLETAS SE POSICIONAREM EM BUSCA DE TAIS MUDANÇAS// AFINAL/ AS MULHERES ESTÃO ALI PRATICANDO UM ESPORTE PARA SE DIVERTIREM E ESTAREM BEM.//

**SONORA 01:06:43 A
01:07:48**

BETE E EU CONVERSAMOS TAMBÉM SOBRE O CASO DA GINASTA SIMONE BILES// QUE DESISTIU DE ALGUMAS COMPETIÇÕES DURANTE AS OLIMPÍADAS DE TOKYO// QUIS SABER O QUE ELA COMO ATLETA TERIA A ME DIZER SOBRE A PRESSÃO QUE ELES SENTEM/ COMO SÃO COBRADOS E CLARO// SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA OS ATLETAS/ E LÁ ESTAVAM TODO O CONHECIMENTO E SABEDORIA NOVAMENTE

CONFESSO QUE OUVIR TODA ESSA HISTÓRIA DA TRAJETÓRIA DA BETE ME EMOCIONOU// EM ALGUNS MOMENTOS TIVE QUE SEGURAR O CHORO E RESPIRAR FUNDO.// PORQUE A GENTE SEMPRE ESCUTA SOBRE AS DIFICULDADES/ OS PRECONCEITOS E A LUTA// MAS É SEMPRE MUITO DIFÍCIL DIGERIR//

E NO FINAL DE NOSSA CONVERSA/ PEDI PARA QUE A BETE DEIXASSE UMA MENSAGEM PARA AS MENINAS QUE ESTÃO COMEÇANDO NO ESPORTES E BETE ACREDITA/ TANTO QUE EU/ QUE AS MULHERES AINDA VÃO SE DAR MUITO BEM EM QUALQUER MODALIDADE// QUE AINDA VAMOS VER/ COMO VIMOS NAS ÚLTIMAS OLIMPÍADAS DIVERSAS MULHERES SENDO

**SONORA 01:19:53 A
01:20:23 E SONORA
01:21:11 A 01:21:23**

PROTAGONISTAS// E O QUE PODEMOS FAZER É
DAR TODO APOIO PARA ESSAS MENINAS QUE
SONHAM/ QUE LUTAM E NUNCA DESISTEM.//

O JOGO JUSTO VAI FICANDO POR AQUI/
OBRIGADA POR NOS ACOMPANHAR POR ESSAS
HISTÓRIA INCRÍVEL// NO PRÓXIMO EPISÓDIO
CONTAREMOS A HISTÓRIA DA JORNALISTA
KALIANDRA ALVES// TE ESPERO LÁ!